

Laurence Corbel

Desfazer as armadilhas do social: Marcel Broodthaers ou as astúcias de um ingênuo insincero

Traduzido por Maristela Salvatori

Resumo

O artista Marcel Broodthaers não parou, ao longo de sua obra, de questionar o mundo da arte em suas dimensões sociais e econômicas, bem como o lugar do artista e o papel das instituições. Se ele entrou na comédia social do mundo da arte, se ele consentiu com suas convenções, foi dentro de uma estratégia perfeitamente coordenada. Este artigo mostra como Broodthaers jogou o jogo de arte para desvendar seu funcionamento e melhor subvertê-lo.

Palavras-chave

Crítica Institucional. Mercadoria. Mundo da Arte. Museu. Resistência.

Como citar:

CORBEL, Laurence. Desfazer as armadilhas do social: Marcel Broodthaers ou as astúcias de um ingênuo insincero. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 23, n. 38, p.1-8, jan.-jun. 2018. e-ISSN 2179-8001. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2179-8001.82498>

1. Marcel Broodthaers, «Marcel Broodthaers par Marcel Broodthaers» (1965), in Marcel Broodthaers par lui-même, Hakken Anna (éd.), Gand/Amsterdam, éditions Ludion/Flammarion, 1998, p.40-41.

2. Marcel Broodthaers, «Dix mille francs de récompense» (1974) uma entrevista de Irmeline Lebeer, in Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.118.

3. Marcel Broodthaers, convite de exposição na galeria *Saint Laurent*, (Bruxelas, 1964) in Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.39.

4. Marcel Broodthaers, «Entretien de Marianne Verstraten avec Marcel Broodthaers» (1974), in Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p. 109. O conluio de arte, publicidade e moda é encenado em um anúncio de *Spiegel* datado de 22 de março de 1971 onde Marcel Broodthaers aparece vestido com uma camisa da marca *Van Laack* como «diretor do Musée d'Art Moderne, département des Aigles». Ver a reprodução em Marcel Broodthaers, cat. expo., Marcel Broodthaers, Catherine David et Véronique Dabin (éd.), (Paris, Galerie nationale du Jeu de Paume/Madrid, Centro de Arte Reina Sofia, 1991-1992), Paris, éditions du Jeu de Paume, 1992, p.188.

5. Marcel Broodthaers, «Entretien avec Georges Adé, 1^{er} octobre 1972», citado em Marcel Broodthaers, op. cit., p.214.

“Em que armadilha eu caí? [...] Sim, atualmente, eu faço parte da sociedade como todos os artistas. [...] De minha parte, eu só poderia aceitar o mundo na forma das relações sociais e humanas que engajam arte.”¹ Marcel Broodthaers, pego pelo social? É difícil acreditar como este artista se distinguiu por uma consciência aguda do status e da função da arte na sociedade dos anos 1960. Sem a ilusão da inevitável instrumentalização social da arte, ele tem consciência da necessidade de dar um público ao seu trabalho: sabemos a que ponto o passado deste que foi um poeta “assumindo a situação criativa de forma heroica e solitária”² desempenhou um papel na sua conversão às artes plásticas.

Se ele entrou na comédia social do mundo da arte, se ele consentiu com suas convenções, certamente estava em pleno conhecimento dos fatos e segundo uma estratégia perfeitamente coordenada. Ao colocar sua vocação artística sob o signo do sucesso comercial (“Eu também me perguntei se eu não poderia vender alguma coisa e ter sucesso na vida”³), lidando com a aparência social (“Para circular na arte, para funcionar como artista, creio que é uma lei: é necessário estar vestido à moda”⁴), Marcel Broodthaers apenas adotou o jogo social na arte para a desmascarar os códigos e o funcionamento: da construção do valor simbólico e econômico das obras aos papéis das instituições de arte, passando pelo conjunto das formas de mediação e mediação que contribuem para a divulgação da arte, ele não parou de denunciar a suposta neutralidade das instituições artísticas, de estigmatizar as ideologias por elas emanadas. Ele quis, assim, tornar visíveis as ilusões e as mentiras que constituem o alicerce do mundo da arte: “quero mostrar, diz ele, a ideologia como é e, justamente, impedir que a arte sirva para tornar esta ideologia inaparente.”⁵

Tal projeto não seria implementado sem confrontar pelo menos uma grande contradição: jogar tanto com o envolvimento quanto com a distância, porque é somente aceitando o jogo social de arte que é possível resistir; a eficácia das críticas tem esse preço. Mas essa posição paradoxal do artista, que só pode criticar estando envolvido no mundo que ele critica, não compreende seu fracasso no cerne? Se a oposição tem significado e eficiência apenas neste mesmo mundo, pode evitar ser absorvida, neutralizada pelas poderosas engrenagens do mundo da arte, como sugere a afirmação de Marcel Broodthaers: “Meu papel tornou-se [...] extremamente limitado pelo marketing, o poder de

grupos formado não mais por artistas, mas por pessoas a quem certos colecionadores estão ligados?”⁶

Então, Marcel Broodthaers teria sido o tolo do jogo social de arte que ele acreditava poder controlar? Sua declaração seria uma admissão de fracasso? A menos que releve uma estratégia: Marcel Broodthaers habitualmente usa dessas astúcias que consistem em simular espanto. Sob o disfarce de ingenuidade, ele joga no terreno que é imposto e adota uma tática que desvela uma ação calculada através de truques inteligentemente orquestrados. Uma tática que o artista declina de modo irônica no poema intitulado “Ma rhétorique”⁷ que pode ser lido como o seu programa artístico: “Eu tautologo, eu conservo, eu sociólogo, eu manifestadamente manifesto.”⁸ Através dessas diversas atividades, Marcel Broodthaers tenta encontrar seu caminho em um mundo artístico minado por ideologias: “Encontramos, talvez, diz o artista, nas táticas escolhidas para engajar a manobra no campo, uma forma autêntica de colocar em questão sobre a arte, sua circulação, etc...”⁹

“EU TAUTOLOGO”

Esse neologismo, forjado para descrever a atividade artística, retorna em diferentes ocasiões na obra de Marcel Broodthaers ou encontra eco em fórmulas simétricas como a do título da exposição, *Ne dites pas que je ne l'ai pas dit - Le perroquet*¹⁰, apresentado em 1974 na *White Wide Space Gallery* na Antuérpia: ao lado de um papagaio vivo mas mudo, a voz do artista sai de um gravador, ecoando em um loop e como uma ladainha sua Retórica – “Eu tautologo, eu conservo, eu sociólogo, eu manifestadamente manifesto, perdi o tempo perdido...” A presença do papagaio remete, não sem humor, à palavra do artista condenado a repetir incansavelmente o que faz: as declarações de intenções em confissões públicas, Marcel Broodthaers se faz conhecer e tece um vínculo social mesmo desregulando os modos de comunicação em vigor no mundo da arte.

Se a tautologia ironicamente se refere a uma certa arte que marca uma parte da produção artística de seu tempo¹¹, vamos entender a arte conceitual para a qual a arte é uma proposta tautológica da arte, a tautologia que Marcel Broodthaers pretende é primeiramente econômica. De fato, ser artista é jogar o jogo do mercado de arte. Um jogo que o artista assume e reivindica como mostra a história impressa no convite de sua primeira exposição:

“A ideia de finalmente inventar algo insincero passou pela minha cabeça e eu comecei imediatamente a trabalhar. No final de três meses, mostrei minha produção ao Ph. Edouard Toussaint, proprietário da galeria Saint Laurent. Mas é arte, disse ele e eu exporia voluntariamente. Certo, respondi eu. Se eu vender algo, ele reterá 50%. São estas, aparentemente, as condições normais, algumas galerias retêm 75%. O que é? Na verdade objetos.”¹²

6. Marcel Broodthaers, «C'est l'angelus qui sonne», Entrevista de Stéphane Rona com Marcel Broodthaers (1976) em Marcel Broodthaers par lui-même, p.131.

7. *Minha retórica* [NT]

8. Marcel Broodthaers, «Ma rhétorique» (1966), in, Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.48. Este texto será incluído no catálogo da exposição *Oeufs Frites Pots Charbon* apresentada na Wide White Space Gallery da Antuérpia em 1966 e proposto como banda sonora gravada pelo artista na exposição *Ne dites pas que je ne l'ai pas dit - Le perroquet* na mesma Wide White Space Gallery em 1974.

9. Marcel Broodthaers, «Dix mille francs de récompense» (1974) uma entrevista de Irmeline Lebeer, in Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.118.

10. *Não diga que eu não disse isso - O papagaio* [NT]

11. Ver sobre o assunto as análises de Thierry de Duve em «Petite théorie du musée (Après Duchamp, d'après Broodthaers)», em *L'art contemporain et son exposition* (2), dir. Elizabeth Caillet e Catherine Perret, Paris, L'Harmattan, 2007 ou «Ceci ne serait pas une pipe (Magritte et Broodthaers)» em *Magritte en compagnie. Du bon usage de l'irrévérence*, Bruxelles, Labor, 1997.

12. Marcel Broodthaers, Convite para a exposição na Galerie Saint-Laurent de Bruxelas, 1964 reproduzido em Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.39.

Sob a máscara do ingênuo que descobre benignamente as leis do mercado de arte, Marcel Broodthaers, na verdade, revela uma acusação contra seus mecanismos retornando à venalidade do artista e do galerista.

A suposta insinceridade de Marcel Broodthaers finalmente a desacredita menos do que designa a sinceridade artística como uma impostura. Pois que artista pode pretender fugir à lógica comercial que domina o mundo da arte? Considerar a arte como um meio de “ter sucesso na vida” é destacar a natureza fundamentalmente tautológica da atividade artística reduzida, através da troca econômica, a um processo de reificação que Marcel Broodthaers evoca em termos que lembram as análises de Marx do fetichismo da mercadoria:

“O que é arte? [...] Na verdade, não creio que defina arte de forma séria e que considere seriamente a questão, senão através de uma constante, ou seja, a transformação da arte em mercadoria. Esse processo se acelera ao ponto de haver uma superposição de valores artísticos e comerciais. Se é um fenômeno de reificação, a arte seria a representação singular desse fenômeno, uma espécie de tautologia.”¹³

13. Marcel Broodthaers, «Être bien-pensant ou ne pas être. Être aveugle» (1975), em Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.122.

“EU CONSERVO”

Instituição por excelência da mediação social da arte, local de sua exibição pública e sua difusão, o museu é também uma engrenagem neste processo de reificação. Quadro institucional pelo qual as obras de arte são reconhecidas como tal, também tem o poder de neutralizar seus significados políticos e sociais. Se auto nomeando diretor do *Musée d'Art Moderne Département des Aigles*¹⁴ que cria em 1968 e apresenta como um «sonho subversivo»¹⁵ ou como uma “enganação”¹⁶, Marcel Broodthaers quer abolir a separação entre o artístico e o social que baseia a existência desta instituição: um empreendimento que, pelo seu próprio fracasso, se confirma ao revelar os efeitos reais da dominação do museu sobre a arte:

“[...] todo o empreendimento evoluiu rapidamente e se libera deste contexto imediato ou melhor: sociológico, e começa a viver uma vida autônoma. Em suma, é o fenômeno clássico da arte. Você concebe algo, algo que você crê que está intimamente relacionado à sociedade, e então, de repente, aquilo começa a viver sua própria vida, a crescer e a produzir células. [...] Na minha opinião, o artista só pode controlar esse processo por um curto período de tempo e, além disso, de uma forma muito geral. Logo, ele perde seu empreendimento.”¹⁷

Essa evolução, que isola o museu de seu contexto social, também revela a situação do artista traído pela instituição muito mais do que joga com ela.

Com este museu, no entanto, trata-se de se opor à ficção de um dispositivo artístico àquela destilada pela ideologia da instituição do museu para trazer à

14. *Museu de Arte Moderna Departamento de Águias* [NT]

15. Citado em Marcel Broodthaers, op. cit., p.301.

16. Citado em Marcel Broodthaers, op. cit., p.229.

17. Marcel Broodthaers, «Entretien de Freddy De Vree avec Marcel Broodthaers» (1971), em Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.81.

luz os mecanismos subjacentes ao seu funcionamento e assim enfraquecer o “discurso” hegemônico disseminado pelas instituições culturais. “Este museu - diz Marcel Broodthaers -, é um museu fictício. Faz o papel de uma paródia política dos eventos artísticos, ou de uma paródia artística de eventos políticos. O que faz, aliás, museus e entidades oficiais como a *Documenta*. Com a diferença que uma ficção permite capturar a realidade e ao mesmo tempo a que esconde.”¹⁸ Sob uma fachada de neutralidade, a instituição do museu é, na verdade, o vetor de uma mentira que o museu ficcional expõe.

A inauguração do *Musée d'Art Moderne Département des Aigles* também está ligada à busca por outro público: ele visa não apenas, nem primeiro encontrar um público mais amplo, mas criar uma nova relação com a arte, como o artista diz: “Devemos tentar ir além do circuito fechado galeria-amadores de arte. Comunicar diretamente com o público. Igualmente, além de informações da imprensa.”¹⁹ Marcel Broodthaers explora os lugares e instâncias através das quais a arte adquire uma dimensão social, tomando as formas de mediação e midiatização da prática artística no âmbito da *Seção Literária do Musée d'Art Moderne Département des Aigles* que reúne a correspondência do curador. Os escritos contribuem com o envio de cartas e a circulação de folhetos, que imitam o circuito oficial da instituição, ao mesmo tempo que o perturbam pelo seu estilo pouco acadêmico, para tornar pública a sua existência, assim como os vários eventos que acolhe.

“EU SOCIÓLOGO”

Se a arte deve ter uma visibilidade social para existir, ela implica outros parâmetros sociais: feita por artistas definidos socialmente, também aborda indivíduos socialmente situados. Contra a ideologia da autonomia da arte, a preocupação constante de Marcel Broodthaers foi de desvelar as condições sociais, econômicas e políticas da arte, tradicionalmente passadas em silêncio. Um projeto que exige, no entanto, participar da vida social da arte apesar das inúmeras reservas que a realidade do mundo da arte lhe inspira: “Estou revoltado apesar de tudo, diz ele. Eu tento me juntar ao grupo social, em suma, ser socialmente definido. Eu tento, mas a comunicação não acontece.”²⁰

Ao fazê-lo, Marcel Broodthaers não pretende fazer arte sociológica, nem pretende reduzir a arte à sociologia, mas ele quer colocar, com meios plásticos e por meio de uma arte poética, a questão da dimensão social da arte. Uma questão crítica que ele coloca através de uma tripla direção: se é necessário, como vimos, questionar as condições sociais da atividade artística, parece igualmente importante considerar a arte como um meio para analisar a sociedade que coloca em crise certas representações mitológicas do artista, questionando seu status social.

Na esteira da *Pop Art*, o artista então se propõe a refletir sobre as reais condições da existência da arte: “Pretendo refletir sobre a sociedade e sobre

18. Marcel Broodthaers, «*Musée d'Art Moderne, Département des Aigles, Section Publicité*» (1972), panfleto distribuído por ocasião da *Documenta 5*, in Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.92. Este texto foi publicado no n°1 de *Heute Kunst* em abril de 1973, p.20-23.

19. Marcel Broodthaers, «*Entretien avec Marcel Broodthaers*» por Jean-Michel Vlaeminckz (1965), em Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.47.

20. Ibid.

Versão

21. Citado in Marcel Broodthaers, op. cit., p.26.

22. Marcel Broodthaers, «*Entretien de Freddy De Vree avec Marcel Broodthaers*» (1971), em *Marcel Broodthaers par lui-même*, op. cit., p.70.

23. Marcel Broodthaers, «*Interview imaginaire de Magritte*» (1967), em *Marcel Broodthaers par lui-même*, op. cit., p.53

24. Marcel Broodthaers, «*Entretien avec Marcel Broodthaers*» por Jean-Michel Vlaeminckz (1965), em *Marcel Broodthaers par lui-même*, op. cit., p.45.

25. *Ibid.*

26. Marcel Broodthaers, «*Entretien de Jürgen Harten et Katharina Schmidt avec Marcel Broodthaers*» (1972), dossiê de imprensa da exposição da seção de Figuras, em *Marcel Broodthaers par lui-même*, op. cit., p.81.

27. Marcel Broodthaers, «*C'est l'angélus qui sonne*», entrevista com Stéphane Rona (1976), em *Marcel Broodthaers par lui-même*, op. cit., p.129.

28. «*À vrai dire, la meilleure arme contre le mythe, c'est de le mythifier à son tour, c'est de produire un mythe artificiel et ce mythe reconstitué sera une véritable mythologie*», Roland Barthes em *Mythologies*, Paris, éditions du Seuil, 1957, p.222.

29. Marcel Broodthaers «*Entretien de Freddy De Vree avec Marcel Broodthaers*» (1971), em *Marcel Broodthaers par lui-même*, op. cit., p.76.

a cultura através de praticamente todas as obras que eu faço.”²¹ Assim, suas primeiras obras, feitas com objetos banais e cotidianos, retornam, ao contrário do caminho aberto pelo surrealismo, à realidade de uma sociedade industrializada e não ao mundo imaginário dos sonhos e do inconsciente: “para mostrar a realidade sociológica”²² do nosso ambiente, tal é o propósito de Marcel Broodthaers. Se ele se declara filho espiritual de Magritte, ele toma distância do pintor belga a quem disse em uma entrevista imaginária, em resposta à proposta de considerar suas pinturas não como poemas, mas como testemunhos de atualidade: “É uma linguagem curiosa que você tem aqui. É sociologia, isso não me interessa.”²³ Esta leitura original da obra de Magritte, que privilegia a dimensão social sobre a visão poética, permite a Marcel Broodthaers renovar a abordagem que os surrealistas propuseram e estabelecer uma filiação ao *Pop Art* que ele interpreta “como uma forma de revolta contra essa civilização e, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência dessa civilização do lazer e de suas realidades”²⁴, como uma arte que possui um “objetivo social”²⁵.

Com o *Musée d'Art Moderne Département des Aigles*, criado após a ocupação em 1968 do *Palais des Beaux-Arts*, em Bruxelas, onde ele é um dos principais atores, Marcel Broodthaers propõe analisar a relação entre instituição museológica e a ordem social, para dar “um passo além, colocando a questão: qual é o limite do papel deste que em nossa sociedade representa a vida artística, ou seja: qual é o papel do museu?”²⁶

Por fim, esta proposta artística de “sociologar” consiste, em última instância, em jogar ao mesmo tempo, contra e com as representações idealizadas do artista que circula na sociedade. Constatando que o artista “é de qualquer maneira alguém cujo papel é fomentar a criação de um mito”²⁷, Marcel Broodthaers - como um leitor perspicaz de Roland Barthes, segundo a qual a melhor maneira de destruir um mito é substituir por outro²⁸ - constrói ele mesmo a história de seu itinerário artístico numa figura que adquire tanto da concepção romântica do artista quanto procura lhe transcender. Ao poeta solitário e sem leitor, abre-se espaço ao artista que se admite “insincero”: os livros não vendidos tornam-se o material de uma escultura marcando assim o início do poeta no campo das artes plástica e sinalizam a transição para uma nova postura, a do artista em busca de renda e visibilidade social. Isso não o impede de evocar oito anos depois o fechamento do *Musée d'Art Moderne Département des Aigles* como “um fracasso romântico”²⁹.

“EU MANIFESTO MANIFESTAMENTE”

Transposição direta da tautologia, esta última faceta do programa Marcel Broodthaers continua a tradição artística da declaração pública ao mesmo tempo se move pela repetição ele afirma: há uma arte e uma forma de mostrar

que consiste levar a sério a realidade social da arte para levá-la às suas extremas consequências. Trata-se nada menos que lealdade às práticas em vigor no mundo da arte, mas objetivá-las em uma recuperação consciente e crítica: manifestar manifestamente consiste, em vez de simplesmente denunciar, em assumir a realidade. Per Kirkeby evoca sobre este assunto “a inconcebível ingenuidade intelectual à maneira de Broodthaers”³⁰: uma astúcia que consiste em avançar sob a máscara do cômico. Pois, é com pleno conhecimento de causa e não ingenuamente inconsciente das mistificações do mundo da arte que o artista atua. Destacando o âmbito da circularidade reflexiva que permite deduzir as consequências das condições de existência da arte, Per Kirkeby presta homenagem à “arte de Broodthaers [que] diz a importância da ingenuidade, do círculo da ingenuidade.”³¹ E se o artista tem que se curvar ao jogo de arte, não é tanto por escolha que ele atesta a implacável resistência da ordem do mundo da arte; uma vez conhecidas as regras do jogo, ele sabe que, se envolver no mundo da arte, é de fato correr o risco de ver suas intenções traídas.

A insinceridade de Marcel Broodthaers não pode, portanto, ser identificada com a postura do cômico. Mas não é estranha à mentira se nos ativermos a esta afirmação: “Talvez a única possibilidade de eu ser um artista seja a de ser um mentiroso, porque no final de conta todas as produções econômicas, o comércio, a comunicação são mentiras.”³² Ao declarar-se um mentiroso, o artista é apenas metade, a menos que sua declaração seja uma mentira que contamina todos os seus gestos e palavras: que torna-se, na verdade, o mundo da arte senão um reino de simulacros e fingimentos, já que seus atores não são mais enganados por suas mistificações?

Ao jogar simultaneamente com insinceridade e ingenuidade, Marcel Broodthaers devolveu a armadilha na qual ele afirma ter caído? Ao interferir com a realidade social da arte, ele abriu uma brecha através de um trabalho de enfraquecimento que não tinha outro objetivo que desenvolver-se assumindo suas próprias contradições (mentir para dizer a verdade, para jogar com envolvimento e distância). O fato de sua posição crítica não ter impedido seu reconhecimento ou mesmo impedido seu sucesso surpreende o artista que, parecendo ceder pela primeira vez à hipótese de um desfecho favorável, vislumbra, em seu modesto empreendimento, a promessa de uma felicidade: “Com artes plásticas, eu só poderia me comprometer com meus oponentes. [...] eu tento o máximo que posso para circunscrever esse problema, propondo pouco e indiferente. O espaço só pode levar ao paraíso.”³³

30. Per Kirkeby, «Musée, Marcel Broodthaers», em *Bravura*, Paris, École Nationale Supérieure des Beaux-arts, 1998, p.117.

31. Per Kirkeby, «Musée, Marcel Broodthaers», em *Bravura*, op. cit., p.116.

32. Citado in Marcel Broodthaers, op. cit., p.229.

33. Marcel Broodthaers, «Dix mille francs de récompense» (1974) uma entrevista de Irmeline Lebeer, em Marcel Broodthaers par lui-même, op. cit., p.118.

Versão

Laurence Corbel

Professora de estética no Departamento de Artes Visuais da Universidade Rennes 2. Suas pesquisas enfocam as formas escritas e orais dos discursos dos artistas. Ela coordena o programa *Ecrits et paroles d'artistes: contributions aux scènes artistiques contemporaines d'Amérique latine*" (Escritos e palavras de artistas: contribuições para cenários artísticos contemporâneos da América Latina).

(*) Texto enviado em 2018.